

Estereótipos Indianos na Mídia Estadunidense e a Série *Master of None*¹

Eduarda Freitas Seraphim²

Ana Paula Campos Lima³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

Este artigo pretende analisar a perpetuação e impacto de estereótipos étnicos indianos provocados pela mídia estadunidense, em contraponto com a desconstrução desses mesmos estereótipos na primeira temporada da série do *Netflix* "*Master of None*". Também será necessário analisar como a série lida com o racismo voltado para a comunidade indiana, e como é possível comparar as problemáticas de representatividade negra e latina com a indiana nos Estados Unidos.

Palavras-chave: Representatividade indiana; *Master of None*; série de TV; mídia estadunidense; *Netflix*.

Introdução

Apesar de considerável parte da sociedade ter entrado em uma onda de constante desconstrução de convicções prévias nos últimos anos, promovida principalmente pelas novas mídias, ainda há inúmeras problemáticas que são negligenciadas e têm sua atenção desviada do público. Uma delas é a forma que a cultura e população indiana são representadas em séries e filmes americanos.

Os estereótipos indianos que tratamos aqui são, sem dúvida, uma forma de racismo – ainda que muitas vezes disfarçada; “racismo casual”, como é comumente chamado. No entanto, formas mais explícitas de racismo também se farão presentes na discussão. Um exemplo é a disparidade no tratamento do *blackface*⁴ em contraponto com o *brownface*⁵: enquanto o primeiro é recebido com grande reprovação pelo telespectador quase que de forma unânime, o segundo, apesar de alguma resistência,

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Rádio, TV e Internet da UFPE, e-mail: eduardaseraphim@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Rádio, TV e Internet da UFPE, e-mail: aparmorial@yahoo.com.br

⁴ Refere-se à prática considerada ofensiva de pintar o rosto de um ator branco com tinta preta, muitas vezes desenhando uma boca exagerada, para tentar reproduzir e ridicularizar os traços de pessoas negras.

⁵ Prática análoga ao *blackface*, distinguindo-se apenas por ter como objetivo reproduzir principalmente a pele de pessoas indianas e latinas.

transita entre peças de audiovisual sem maiores problemas. É um tópico tratado como debate, não como racismo.

A série *Master of None* se propõe a expor e discutir as formas de preconceito supracitadas, trazendo à TV um enredo que ainda é escasso, no qual a protagonista é indiana e não se encaixa em estereótipos correspondentes a sua etnia. Ainda que os temas abordados pela série não sejam tão populares no meio televisivo, eles provaram ser altamente relevantes para a crítica e para o público.

Para iniciarmos a discussão aqui proposta, é imperativo estabelecer que a realidade demográfica nos Estados Unidos é completamente distinta da realidade brasileira. Apesar de ambos os países serem lares das mais variadas etnias, o processo de miscigenação ocorreu de formas completamente diferentes nas duas nações.

Enquanto os brasileiros são altamente miscigenados e se comportam como uma só cultura (RIBEIRO, 1995, p. 19) – uma “etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras”, o povo estadunidense persiste até hoje com uma cultura que segrega. Essa alegação foi recentemente reafirmada por Allen (2013) ao dissertar sobre a segregação generalizada nos Estados Unidos, que ainda acontece tanto nas principais instituições sociais, como escolas e igrejas, quanto em espaços de lazer, como bares e boates.

A grande diferença entre Brasil e Estados Unidos quando se fala em marcadores culturais e sociais está em uma simples afirmação: no Brasil, as distinções de costumes, sotaque e até moda se dá pela determinação do poder aquisitivo. Aqui, é possível distinguir a classe de alguém simplesmente pela forma de se vestir ou pelo sotaque – até quando são comparadas pessoas de uma mesma localidade. Já nos Estados Unidos, essa disparidade se dá pelas etnias de cada um. Lá, a etnia de uma pessoa pode ser percebida em algo tão trivial quanto uma chamada telefônica. Além disso, a resposta para a pergunta “O que você é?” é diferente nos dois países; enquanto no Brasil a maioria responderia “brasileiro”, nos Estados Unidos a resposta nem sempre será “americano” – a não ser que a pessoa em questão seja branca.

Se pretendemos discutir a cultura indiana e suas representações na TV americana, é preciso estabelecer que os americanos em geral frequentemente consomem materiais audiovisuais com os estereótipos indianos corroborados pela mídia, normalizando tais estereótipos na perspectiva de quem os assiste. Nas raras vezes que um ator indiano tem espaço na televisão, sua personagem frequentemente será o dono

da loja de conveniência de um posto de gasolina, o atendente de *telemarketing*, o taxista ou uma figura extremamente caricata, refletindo o que os roteiristas dos programas (e o povo americano, em geral) entendem por “cultura indiana”.

Uma série de comerciais de 2012 nos dá o exemplo perfeito da ignorância da mídia americana quanto à importância da representatividade indiana: a marca de *snacks Pop Chips* contratou o ator Ashton Kutcher para atuar em *sketches* publicitários nos quais o ator teria que usar maquiagem marrom, *brownface*, para simular a pele de uma pessoa indiana (BRAIKER, 2012). Além de pintar a sua pele com tinta marrom, também foi pedido para que o ator “agisse como indiano”, o que resultou em uma atuação que debocha e estereotipa a cultura indiana. Apesar da revolta da comunidade indiana, a mídia americana não deu a atenção devida ao caso, e a marca de *snacks* apenas publicou uma nota de esclarecimento sobre o ocorrido. Um ano depois, seu próximo comercial atingiria negativamente pessoas mexicanas.

A questão aqui não é apenas apontar a má representatividade nos programas de TV, mas também tentar entender por quê a mídia não tem a mesma cautela ao tratar da comunidade indiana que tem ao tratar da comunidade negra e hispânica. Pessoas asiáticas e principalmente indianas tornaram-se a fonte de piadas de muitos roteiristas cômicos nos Estados Unidos, de modo que a permanência desse cenário pode ser explicada pela negligência da mídia em apontar e crucificar seus erros.

Claro que os estereótipos indianos e os infelizes acontecimentos supracitados não são unanimidade quando se fala de representatividade indiana na TV, principalmente nos últimos anos. Já é possível observar a quebra do arquétipo indiano em personagens como Tom Haverford (*Parks and Recreation*, 2009-15) e Mindy Lahiri (*The Mindy Project*, 2012-17). Tais personagens, assim como a personagem protagonista da série tratada neste artigo, Dev Shah, não traduzem necessariamente o que a mídia considera “ser indiano”.

A identidade das personagens citadas não é completamente influenciada pela sua etnia ou pelo lugar de onde sua família veio; personagens como essas, além de não reforçarem os estereótipos já muito usados, são felizes ao retratar a realidade de tantos indianos nascidos nos Estados Unidos. Além disso, Ansari – criador, roteirista, diretor e protagonista da série – conquistou importantes prêmios em decorrência da série e se

tornou o primeiro ator sul-asiático a ganhar um Emmy Award⁶ de melhor ator protagonista em uma série de TV.

Apesar de visíveis os avanços feitos pela comunidade indiana em reivindicar seu lugar de fala na mídia, ainda é clara a deficiência da mídia *mainstream* em representar com coerência pessoas indianas na TV. O debate do qual este artigo propõe visa contribuir com a desmistificação da cultura indiana e estudar um dos seus exemplos de representatividade: a série *Master of None*.

Metodologia

Com o objetivo de se debruçar sobre as retratações de pessoas indianas na série *Master of None* em contraponto com as problemáticas de representatividade indiana na TV americana, será analisado aqui o conteúdo de dez episódios referentes à primeira temporada da série supracitada.

Dessa forma, esta pesquisa se utilizará da análise de conteúdo e se apoiará nos estudos de dois autores: Laurence Bardin, em seu livro *Análise de Conteúdo* (1977); e Antônio Carlos Gil em seu livro *Como Elaborar Projetos de Pesquisa* (1987).

Bardin (*apud* BERELSON, 1977, p.17), no início do seu livro, define a análise de conteúdo como “uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”.

Ainda sobre a análise de conteúdo, Bardin aponta que

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 1977, p. 31)

Como dito anteriormente, esta pesquisa ainda se apoiará nos estudos de Antônio Carlos Gil, mais especificamente em seu livro *Como Elaborar Projetos de*

⁶ Um dos prêmios mais importantes da TV americana.

Pesquisa, onde Bardin (*apud* GIL, 1987, p. 89) divide a análise de conteúdo em três etapas:

A primeira é a pré-análise, onde se procede à escolha dos documentos, à formulação de hipóteses e à preparação do material para análise. A segunda é a exploração do material, que envolve a escolha das unidades, a enumeração e a classificação. A terceira etapa, por fim, é constituída pelo tratamento, inferência e interpretação dos dados. (BARDIN *apud* GIL, 1987, p. 89)

Marco Teórico

A fim de analisar as questões de raça nos Estados Unidos que permitem a continuidade de um sistema de segregação enraizado em uma das maiores potências mundiais, fez-se aqui um contraponto com os processos de miscigenação ocorridos no Brasil. Estudou-se a forma como o povo brasileiro se comporta, com o objetivo de entender por que nos Estados Unidos essa miscigenação ocorreu de forma tão diferente, resultando nos problemas de segregação que existem no país até hoje. Para também entender as problemáticas brasileiras, foram utilizados os estudos de Darcy Ribeiro, mais especificamente no seu livro *O Povo Brasileiro* (1995), citado aqui anteriormente.

Segundo o dicionário Michaelis, a palavra "estereótipo" remete a padrões formados por ideias preconcebidas, que se dão pela falta de conhecimento geral sobre o assunto em questão. Quando falamos em estereótipos, é natural que se remeta a pessoas injustiçadas, colocadas em uma bolha na qual não pertencem. Ao tratarmos de estereótipos étnicos, essa "injustiça" toma proporções maiores, já que estereótipos étnicos estão diretamente ligados à prática do racismo, seja ele óbvio ou não.

Analisando o arquétipo de pessoas indianas retratado pela mídia, Anika Chaturvedi (2017) aponta que as personagens não-brancas elencadas em programas de TV americanos geralmente estão ali como "*token characters*". Apesar do termo não ter um significado cabível na língua portuguesa, "*token characters*" são personagens criadas para suprir uma necessidade de diversidade nas séries de TV, dando a falsa impressão de inclusão às minorias. O chamado *token character* é comumente escrito por roteiristas de séries de comédia como alguém que se encaixa nos estereótipos "engraçados" de sua etnia, tendo frequentemente esses estereótipos expostos ao ridículo para fins cômicos.

Chaturvedi (2017) ainda aponta alguns exemplos de personagens indianas na TV que podem perpetuar estereótipos negativos: Apu, no desenho animado *The Simpsons*, e Raj, em *The Big Bang Theory*. As duas personagens possuem um PhD, a primeira em ciência da computação e a segunda em astrofísica. No entanto, as duas personagens são retratadas como “patetas”, e muitas vezes, estúpidos.

De acordo com Dana Mastro (2016), as implicações da disseminação de estereótipos étnicos na mídia atingem negativamente todos os públicos, até mesmo o público branco. Ao consumir peças audiovisuais que promovem a continuidade de estereótipos étnicos ligados às minorias, parte das audiências brancas tendem a "distorcer suas percepções sobre tais grupos étnicos". Isso acontece porque quase sempre são atribuídas a essas minorias um arquétipo negativo: latinos são retratados como traficantes de drogas, árabes como terroristas, e assim por diante. Quando não são atribuídos papéis evidentemente negativos a essas comunidades, geralmente são retratadas “como um grupo homogêneo, com suas diferenças étnicas e culturais quase que completamente ignoradas”.

Mastro (2016) ainda lembra em seu artigo que várias pesquisas foram conduzidas ao longo das décadas a fim de descobrir os efeitos da má representação da mídia em pessoas não-brancas. Os resultados mostram que a representação escassa e de má qualidade de comunidades étnicas na TV geram baixa auto-estima nos que consomem os conteúdos citados aqui. Além disso, se pessoas brancas são negativamente influenciadas pelos conteúdos produzidos e desenvolvem e fortalecem ainda mais seus preconceitos, é indiscutível que o preconceito gerado pelos meios de comunicação resultarão em consequências severas para as minorias étnicas.

Stuart Hall percebeu há algumas décadas que a classificação das pessoas baseada em sua etnia, nacionalidade, etc, não fazia mais sentido, já que as personalidades e identidades dos indivíduos estão cada vez mais distantes umas das outras. Para Hall (1992, p. 9), a antiga ideia de que a identidade de um indivíduo é completamente influenciada pela sua etnia ou nacionalidade não cabe mais no século XXI. Ao dissertar sobre a identidade cultural na pós-modernidade no seu livro de mesmo nome, Stuart Hall introduz:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e

nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (HALL, 1992, p. 9)

O autor separa a etnia, raça e nacionalidade do papel lhes dado previamente de indicadores das identidades dos indivíduos, visto que na modernidade, com a globalização, as culturas se fragmentam severamente.

Ainda no tópico da discriminação de conteúdo entre pessoas brancas e não-brancas, vale ressaltar que a etnia indiana também sofre com o estereótipo de “terrorista”, assim como os árabes. Desde o 11 de setembro, a mídia *mainstream* passou a associar árabes e muçulmanos com atos de terrorismo. Segundo Kearns, Betus e Lemieux (2017), ataques terroristas que têm como responsável uma pessoa muçulmana recebem 449% mais cobertura da mídia. Assim, apesar de apenas 14.2% da Índia se identificar com a religião islâmica, seus traços faciais fazem com que seu povo sofra também com o estereótipo de terrorista ao viver nos Estados Unidos.

Assim, este artigo se embasará não só nos estudos dos supracitados autores Stuart Hall, Darcy Ribeiro e Dana Mastro, mas também se articulará com inúmeros artigos de jornais e publicações jornalísticas e acadêmicas que se propõem a debater o tema dos estereótipos étnicos perpetuados por grande parte da mídia *mainstream*.

Análise de Dados

A série *Master of None*, analisada por este artigo, é produção da plataforma de *streaming Netflix*. Com sua primeira temporada lançada em 2015, a produção consiste – até o momento – em duas temporadas de dez episódios, cada um com, em média, trinta minutos de duração. Apesar da série aqui discutida não seguir a norma das produções seriadas da TV americana, onde as séries têm suas novas temporadas lançadas anualmente, é esperado que *Master of None* retorne em breve para a sua terceira temporada.

O recorte utilizado para este estudo se limitará à análise de conteúdo da primeira temporada da série, já que é a que toca com maior frequência nos tópicos de interesse deste artigo. Ao fazer a análise de conteúdo da sua primeira temporada, é perceptível a presença de comentários ou críticas sobre o tratamento de minorias étnicas nos Estados Unidos em quase todos os episódios assistidos. No entanto, dois episódios se destacaram como de maior relevância para este artigo: “*Parents*” e “*Indians on TV*”.

O primeiro trata dos percalços sofridos pelos pais das personagens principais da série para imigrar e viver nos Estados Unidos nos anos 80. No episódio, é trazida à tona a lacuna generacional entre os pais imigrantes e seus filhos, que são a primeira geração de americanos natos em suas famílias. Já no segundo episódio, o espectador segue Dev, personagem protagonista da série, pelas dificuldades de ser um ator indiano nos Estados Unidos, percebendo as problemáticas de representatividade em relação às pessoas indianas na TV americana.

A partir da análise destes dois episódios centrais e da primeira temporada como uma unidade sólida, este tópico exercerá a função de correlacionar o conteúdo de *Master of None* com os livros e artigos utilizados como fonte de estudo para embasar o artigo. Os paralelos discutidos na análise de dados deste artigo trarão para debate onde a série *Master of None* acerta e onde a mídia *mainstream* americana erra na representação da comunidade indiana. São eles:

➔ Identidade Cultural no século XXI (Stuart Hall)

No segundo episódio da série discutida, “Parents”, é colocada em perspectiva a vivência dos indianos-americanos de primeira geração (ou seja, os primeiros de suas famílias nascidos nos Estados Unidos) em contraponto com a vivência dos seus pais, que emigraram de países pobres para viver nos Estados Unidos. No episódio, as personagens principais discutem o quanto suas vivências diferem das dos seus pais, tanto nos âmbitos socio-cultural e econômico, quanto no geracional.

Essa discussão remete diretamente ao que o autor Stuart Hall trata em seu livro “Identidade cultural na pós-modernidade” (1992), declarando que, no século XXI, a etnia e nacionalidade – entre outros fatores – do indivíduo não o influenciam tanto quanto antes. Hoje, já pode-se dizer que o individualismo do sujeito prevalece.

Indo além do segundo episódio, é possível perceber em algumas situações no decorrer da série, que Dev, a personagem principal, rejeita a noção de que sua personalidade precisa estar diretamente ligada a estereótipos tradicionalmente indianos. No quarto episódio, “*Indians on TV*”, Dev mostra-se indignado por uma piada que o liga ao estereótipo de que pessoas indianas comem muito *curry*. Outro exemplo acontece no quinto episódio, “*The Other Man*”, onde Dev é referido por outrem como “um cara

indiano baixinho”, levando Dev a questionar, irritado, por quê a etnia dele seria relevante naquela situação.

Por outro lado, o individualismo do século XXI não afeta exclusivamente os jovens desta geração. É possível observar que os pais de Dev, apesar de pertencerem à outra geração, também se distanciam de algumas amarras sociais impostas a eles. No nono episódio, “*Mornings*”, Dev guarda um relacionamento em segredo dos pais por pensar que é próprio da cultura indiana não discutir assuntos delicados. Ao saber disso, os pais da personagem sentem grande indignação e apontam imediatamente que estão nos Estados Unidos há quarenta anos, ou seja, já assimilaram muito da cultura ocidental e não são definidos apenas pelo país de onde vieram.

Assim, é possível começar a observar como *Master of None* quebra os estereótipos da comunidade indiana não só nas personagens jovens, de quem já se espera atitudes pouco ortodoxas, mas também dos pais das personagens, pertencentes à gerações anteriores.

➔ A representação negativa e/ou errônea de grupos étnicos na mídia e seus efeitos e consequências

O quarto episódio de *Master of None*, “*Indians on TV*”, tem início apresentando um jovem Dev, nos anos 80, assistindo à TV. Inúmeros cortes de cenas de filmes e programas de TV começam a passar, à medida que o jovem Dev muda de canal, e cada uma dessas cenas mostra diferentes representações de como personagens indianas são retratadas no audiovisual. Entre essas cenas, estão exemplos de *brownface*, sotaques excessivamente forçados e personagens extremamente caricatos, sempre com o objetivo de ridicularizar a personagem indiana em questão.

O episódio é iniciado dessa maneira certamente para que o espectador reflita sobre as impressões e marcas fixadas na mente de uma criança ou jovem ao ver que pessoas com características similares a ela são retratadas apenas de maneira negativa na mídia. A autora Dana Mastro (2016) discorre em seu artigo “Race and ethnicity in U.S. media content and effects” justamente sobre as consequências e impactos causados em audiências brancas e não-brancas pela má representação étnico-racial na mídia estadunidense, deixando claro que essa problemática afeta a todos.

No artigo de Mastro (2016) é exposto que, segundo inúmeras pesquisas, audiências negras sofrem com quedas de autoestima diretamente ligadas à forma que a mídia retrata pessoas negras – sempre como criminosos, por exemplo. Dada a insuficiência de mais pesquisas voltadas para as vivências da comunidade indiana, ainda não há dados para corroborar que a afirmação feita para a comunidade negra seja verdade também para a comunidade abordada neste artigo. No entanto, é razoável afirmar que a possibilidade da mídia afetar jovens indianos de forma similar com a qual afeta jovens negros é altamente concebível.

Já para pessoas brancas, Mastro diz que a má representação de minorias raciais na mídia pode distorcer a forma como essas minorias são percebidas pela população branca, podendo ainda servir como forma de justificar opiniões que perpetuam preconceitos raciais.

Durante “*Indians on TV*”, o espectador acompanha as frustrações de Dev ao vivenciar e falar sobre os percalços de ser indiano nos Estados Unidos. Na série, Dev transmite com êxito a indignação de ver atores brancos em maquiagem marrom, o *brownface*, e a angústia de ser exigido dele, em testes de elenco, um sotaque indiano forçado. Assim, o episódio deixa claro o quanto a comunidade indiana é afetada e injustiçada pelo modo como a mídia americana explora a cultura indiana, desde a ridicularização de personagens indianas até o supramencionado uso do *brownface* em atores brancos com o intuito de retratar personagens indianas (Fisher Stevens, em *Short Circuit: O Incrível Robô* (1986); Max Minghella, em *A Rede Social* (2010); Ashton Kutcher, em comercial da marca Pop Chips (2012).).

➔ *Token characters*

Ainda no quarto episódio, “*Indians on TV*”, Dev questiona um executivo de uma emissora de televisão sobre o porquê de não poder haver mais de uma personagem principal indiana em uma série de TV. A resposta do executivo – explicando que a sociedade ainda não está preparada para isso – deixa claro que ainda há muito espaço para evoluir no quesito de representação indiana na mídia.

Segundo Chaturvedi (2017), *token character* é um termo usado para referir-se às personagens étnicas rasas que estão no elenco de uma peça audiovisual apenas com a intenção de preencher uma cota racial enquanto personificam vários dos estereótipos

destinados a pessoas da etnia do ator em questão. Ainda hoje, essa prática existe e pessoas indianas são um dos seus alvos mais frequentes.

Na TV americana atual, por exemplo, não é muito difícil encontrarmos exemplos do fenômeno descrito por Chaturvedi. A personagem de Raj, na série *The Big Bang Theory*, e a personagem de Abu, em *The Simpsons*, são exemplos de *token characters* em séries populares na TV aberta dos Estados Unidos. Ambas representam estereótipos de homens indianos com papéis escritos para fins cômicos, com o intuito de ridicularizar os trejeitos que homens indianos supostamente têm.

Já na série *Master of None*, a personagem de Arnold, o único homem branco do círculo de amigos de Dev, é tratada como um *token character*. Segundo o próprio criador da série em entrevista ao *The Tonight Show with Jimmy Fallon*, a ideia era justamente que os papéis se invertessem, já que a “norma” nos programas de TV americanos é que só exista uma personagem asiática (ou pertencente a outra minoria) enquanto todas as outras personagens são brancas.

➔ Ataque de pessoas muçulmanas pela mídia americana

Também no quarto episódio da série, as personagens discutem a representatividade política indiana; debatem se os indianos têm alguém que possua notoriedade a quem recorrer para que a luta pelas suas causas sejam representadas de forma mais pública. Causas essas que transitam entre tanto a luta por melhor representatividade na mídia, quanto a evidenciação e condenação de casos discriminatórios, como o que a personagem de Dev sofre no quarto episódio.

Kearns, Betus e Lemieux (2017) abordam o ataque às pessoas muçulmanas pela mídia. Aqui, levanto o argumento de que talvez as comunidades indianas não possuam representatividade política relevante justamente pela falta de espaço que a mídia dispõe para eles.

As comunidades muçulmanas não são amparadas pela mídia em questões étnico-raciais justamente pela tendenciosidade midiática de sempre vê-los como terroristas. Vale ressaltar ainda que nem todos os indianos são muçulmanos, no entanto, todos têm traços oriundos do Oriente Médio, o que reforça o preconceito sofrido.

➔ Tratamento dos indianos pela mídia em contraponto com o tratamento de latinos e negros

Dando continuidade a discussão referente ao debate tido pelas personagens no quarto episódio da série, “*Indians on TV*”, sobre a falta de representatividade indiana no cenário político americano em contraponto com a representatividade política latina e negra, analisaremos os pontos principais em volta dessa discussão.

É claro que não se pode deixar de lado o fato de que a população latina e negra nos Estados Unidos é consideravelmente maior do que a indiana. No entanto, o número de pessoas indianas nos Estados Unidos é bastante expressiva, já que são mais de 4 milhões de habitantes. A demografia indiana relativamente menor do que latinos e negros fez com que roteiristas de séries de TV não se acanhassem ao escrever roteiros que prejudicassem a imagem da cultura indiana em suas produções. Mais do que isso, se aproveitaram da falta de representatividade política indiana para praticar uma forma de racismo mais velado, mais “passável” aos olhos do público.

Com isso, as personagens indianas representadas na mídia *mainstream* transformaram-se nos supracitados *token characters* e assim continuaram por anos, até hoje, a serem ridicularizados pela mídia e conseqüentemente pelo público. Tornaram-se exemplos perfeitos do chamado “racismo casual”.

Assim, dada a vasta demografia de pessoas latinas e negras e a grande quantidade de pessoas brancas que se mobilizam com suas causas, já é de praxe que a mídia se mobilize e se retrate com o público quando comete algum ato de racismo contra latinos e negros. Com isso, os atos negativos contra a população indiana frequentemente passam despercebidos pelo telespectador não-indiano e acabam não gerando tanta comoção quanto deveriam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs, primordialmente, discutir como a primeira temporada da série da Netflix, *Master of None*, aborda as problemáticas enfrentadas pela comunidade indiana em variados produtos audiovisuais, oriundos da mídia *mainstream* estadunidense. Simultaneamente, também foi proposta aqui analisar a forma como os roteiristas da série escreveram os papéis interpretados por atores indianos, em

contraponto com as pobres representações da comunidade indiana na mídia ao longo dos anos.

Cada um destes tópicos puderam ser amplamente discutidos aqui, uma vez que o objeto de estudo, a série *Master of None*, investe tempo e cuidado em abrir espaço para o debate sobre o racismo contra pessoas indianas e também sobre as microagressões – quase tão importante quanto o racismo evidente – sofridas por elas. É interessante notar que este tipo de debate é extremamente raro na mídia *mainstream* estadunidense, apesar da grande quantidade de habitantes indianos – imigrantes ou não – no país.

A temática referente à desconstrução de estereótipos indianos na série e as falhas da mídia provaram render interessantes ramificações neste estudo. O diálogo compreendido neste texto permitiu que transitássemos entre as diversas perspectivas do que é ser indiano nos Estados Unidos. Tais ramificações englobaram tópicos que abarcam desde os exemplos da má representação de pessoas indianas na mídia – como em casos de *brownface* e *token characters* – até a perseguição racial e religiosa contra pessoas muçulmanas.

Destarte, este trabalho conseguiu evidenciar como a série *Master of None* acerta ao retratar a comunidade indiana e como a mídia estadunidense erra na retratação desse mesmo grupo étnico. Apesar de ter sido possível realizar o que foi visionado para este projeto, talvez até indo além da proposta inicial, ainda há muito o que se discutir nos diálogos referentes às minorias étnicas nos Estados Unidos, principalmente a minoria discutida aqui. É imperativo que essas pessoas não sejam vistas pelos estereótipos construídos ao longo das décadas, mas sim, pelo que são.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Reniqua. Our 21st-century segregation: we're still divided by race. **The Guardian**, Londres, 3 abr. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/apr/03/21st-century-segregation-divided-race>>. Acesso em: 26 mar. 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. Edições 70. Lisboa, 1977.
- BRAIKER, Brian. Ashton Kutcher in yet another controversy over 'racist' ad campaign. **The Guardian**, Londres, 3 de maio 2012. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/media/2012/may/03/ashton-kutcher-controversy-ad-campaign>>. Acesso em: 26 mar. 2018.
- CHATURVEDI, Anika. Token characters on TV shows perpetuate harmful stereotypes. **The Red&Black**, Georgia, 13 de novembro 2017. Disponível em: <https://www.redandblack.com/opinion/opinion-token-characters-on-tv-shows-perpetuate-harmful-stereotypes/article_2d2e361e-c7f4-11e7-9a96-5ff7b8bf9194.html>. Acesso em: 1 abr. 2018.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1987.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.
- KEARNS, Erin M.; BETUS, Allison; LEMIEUX, Anthony. **Media coverage of terrorism: Why Do Some Terrorist Attacks Receive More Media Attention Than Others?**. Georgia State University, Georgia, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/9dR9dF>>. Acesso em: 1 abr. 2018.
- MASTER of None. Produção: Igor Srubshchik. Intérpretes: Aziz Ansari, Eric Wareheim, Kelvin Yu, Lena Waithe e outros. Cidade de Nova York: Alan Yang Pictures, Oh Brudder Productions, 3 Arts Entertainment, Fremulon, Universal Television, 2015-presente. Produzido por: Netflix.
- MASTRO, Dana. **Race and ethnicity in U.S. media content and effects**. 2016. Oxford University, Oxford, 2016.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- The Tonight Show Starring Jimmy Fallon: "**Aziz Ansari's Real-Life Dad Is a Hit on Master of None**". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZULXXRYO11Y>> Acesso em: 4 jun 2018.
- US Census Bureau: **ASIAN ALONE OR IN ANY COMBINATION BY SELECTED GROUPS**. Disponível em: <https://factfinder.census.gov/faces/tableservices/jsf/pages/productview.xhtml?pid=ACS_17_1_YR_B02018&prodType=table> Acesso em: 15 abr 2019.